



Sócrates Ribeirão-pretano Vieira de Oliveira

A certidão de nascimento apon-ta, sem abreviações, o longo nome: Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira. Se é que sobrou espaço, também mostra Belém, no Pará, como terra natal.

Mas poderia muito bem, se o co-ração falasse mais alto, registrar Só-crates Ribeirão-pretano Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Olivei-ra, natural de Ribeirão Preto.

Quis o destino, por conta do traba-lho do pai, cearense, funcionário pú-blico, que Sócrates nascesse no Pará, em 19 de fevereiro de 1954. Aos cinco anos, com a transferência do seo Rai-mundo, toda a família mudou-se para Ribeirão Preto, onde este cidadão do mundo, que conheceu as maiores me-trópoles, se sentia em casa.

Foi aqui que estudou, desde os primeiros anos no Marista até cursar a concorrida Medicina, na USP. Co-meçou a carreira no Botafogo, onde também pendurou as chuteiras e vi-rou técnico por um curto período.

Por pouco tempo, também, ocu-pou a secretária de Esportes, na ges-tão do amigo Palocci. Apresentou programas de televisão...

E mais do que tudo, foi um cida-dão comum, que caminhava tran-quilamente pelas ruas e curtiua sua cerveja ao lado de casa, a ponto de ter a mesa preferida num boteco da cidade batizada com seu nome.

Esse Sócrates, que ia ao Palácio Rio Branco, sede da prefeitura, de chinelos e bermudas, foi entrevistado pelo Tribuna Ribeirão, em sua nona edição, de novembro de 1995. Foram seis páginas, o triplo do espaço nor-malmente destinado a matérias seme-lhantes. O personagem pedia.

Esse texto, histórico, hoje é um convite para conhecer, além de passagens de sua carreira, o pensa-mento do homem por trás do per-sonagem. Essa divisão, aliás, ele faz questão de deixar clara, bem ao seu estilo, logo nas primeiras palavras.

“A diferença do personagem para a criatura não está na gente, está no público. A relação da socie-dade com o personagem é diferente da relação com a criatura, porque o personagem é ídolo. O personagem

entra em qualquer lugar, tem as portas abertas, tudo de graça, fura fila. Toda mordomia possível o per-sonagem tem; a criatura, não”.

E não escondia que isso o fascinava. “Isso seduz para cacete. Quem não gosta de mordomia?”, indagou, já encaixando na sequência, como bom médico, o an-tídoto. “Você tem que administrar isso: se alguém lhe oferece uma passagem aérea de primeira classe, tem que pensar duas vezes para aceitar, porque vai ser difícil, depois, viajar de classe econômica”.

Na época, Sócrates havia deixa-do os gramados há pouco tempo. Os holofotes ainda estavam todos sobre ele. Por isso, garantia que o “perso-nagem ainda não tinha morrido”.

“Estive recentemente no Equador, e quem esteve lá foi o perso-nagem. Claro que agora já com um certo envolvimento da criatura. Fui para o lançamento de um projeto social ligado ao esporte. O que a criatura fez depois, já com outro personagem, começa a fazer parte do fato de ser médico, ter experiên-cia com esporte comunitário. Isso passa a misturar tudo. Mas o perso-nagem continua, é uma figuraça”.

Em tempo: o Doutor encerrou a carreira pela primeira vez em 1986, no Flamengo. Voltou a jogar dois anos depois, para parar definitivamente após o Campeonato Brasileiro da Sé-

rie B, em 1989, no Botafogo de Ribeirão Preto. Em 1994, dirigiu o time no Paulistão. Mais tarde, treinou a LDU (1996) e a Cabofriense (1999).

Sem esconder a paixão pelo Co-rinthians, Sócrates coloca no mes-mo patamar ter disputado duas Co-pas do Mundo (1982 e 1986) com um título conquistado pelo Co-rinthians – foi tricampeão paulista pelo Timão, em 1979, 1982 e 1983. “É difícil comparar”.

Para ele, a Copa de 1982, na Espanha, foi seu melhor trabalho. Mas, en-sina, que ganhar ou perder faz parte do jogo. “Se eu for me preocupar es-tarei perdido”, disse o meio-campista, contando o clima após a derrota para a Itália, que causou a eliminação bra-sileira. “Era de vazio. Você trabalha o tempo todo com um único objetivo e a derrota elimina a possibilidade de chegar lá. É difícil explicar”.

Autointitulando-se um “ser polí-tico”, Sócrates contou que sua pas-sagem pela administração pública, como secretário de Esportes no go-verno Palocci, foi uma experiência para “conhecer por dentro o pro-cesso, a realidade, as dificuldades”. “Uma coisa que estando fora é mui-to fácil, mas estando dentro, você consegue vislumbrar a realidade”.

Descartou a possibilidade de um dia se candidatar a prefeito e foi sincero na análise sobre a passagem pela secretaria. “Quando estava com o ‘Barba’ (Palocci) tentaram trabalhar para isso (candidatu-ra), mas caí fora, não é a minha. Admi-nistrar não é fazer política. Falava para o Palocci: para ganhar pouco como vocês pagam, para trabalhar muito como vocês trabalham, é melhor cair fora. Além disso não dá tesão, pois você não tem condição de montar porra nenhuma”.

Na entrevista, Sócrates afirma que considera ter sido mais importan-te fora de campo do que dentro dele e se abre várias vezes sobre seu lado pessoal. “Sou um cara apaixonado por tudo, por pessoas, por coisas, pelo meu trabalho. Nunca fiz nada que não quisesse, mas não tinha aquele equilí-brio, aquela paz interior que eu sem-pre busquei e hoje desfruto”, diz ele, analisando o tempo como jogador.

Sua posição política também foi

abordada. Comparando sua época como atleta ao período da entrevista (1995), o Magrão sentenciou: “con-testar por contestar, sem nenhuma profundidade, é superficial”. “Eu tomei uma posição de opção política e não abri mão de ter a liberdade de me expressar. Claro que existe con-testação de todas as formas, o lado oposto é que não gostava. O que não vejo agora, nesse tipo de análise, são objetivos definidos”.

Com bom humor, revelou aos jornalistas que havia dias que não estava nem um pouco disposto a entrar em campo. Mas tinha que jogar. O que fazer então? “Eu inven-tava sempre, principalmente nos jo-gos que não valiam nada: jogo ruim, campo ruim, viagem de 600 quilô-metros, pouca gente no campo, frio, chovendo... Aí eu falava: hoje eu vou tentar não errar nenhum passe e fi-cava me divertindo sozinho. Quan-do errava ficava e puto e falava: agora você tem que consertar. Era a criatura contra o personagem”.

Filiado ao PT, Sócrates afirmou ter uma visão crítica e um pouco de conhecimento de todas as teo-rias políticas e econômicas. “Acho que não existe linha perfeita, regime ideal, conceituação prévia que todas as pessoas podem assinar embaixo. O ser humano é muito diferente en-tre si. É muito complicado definir o que é melhor para todos. Eu me de-fino como uma pessoa que tem pre-ocupação com as outras pessoas”.

O Doutor encerra a entrevis-ta falando sobre sua fase religiosa. De família católica, ele dizia ter se encontrado no espiritismo. “No úl-timo ano, 99% das pessoas que co-nheci e que gostei eram espíritas. Existe alguma indução nisso”.

“Eu passei seis meses me prepa-rando para ir a uma reunião kardecista. Na hora que fui tomar o passe, se juntaram quatro ou cinco pesso-as e foi uma coisa de cinco minu-tos. Comecei a chorar e não parava mais, estava tirando um caminha-o de entulho da alma. Saí de lá e não conseguia andar, mas estava leve, em paz. Aí comecei a frequentar to-das as quintas-feiras”.

Eu vivi isso... Eduardo Ferrari

O vinho do Doutor

A história quem conta é o diretor de jornalismo do Tribuna Ribeirão, Eduardo Ferrari.

Estava ele e o também jornalista Ricardo Carvalho, diretor da revista Recall e parceiro em projeto homônimo, na Templo da Cidadania, espaço que por muito tempo serviu de ponto de encontro de artistas e intelectuais em Ribeirão Preto e recebeu eventos deste Tribuna.

Provavelmente, aliás, deveria ser um desses eventos. Lá estava também Sócrates. Oferecer uma cerveja, claro, mais do que um gesto de simpatia seria uma obrigação...

O Doutor, educadamente, recusa e pede um vinho. O médico o havia aconselhado a trocar a cervejinha gelada pela bebida de Baco.

Achar um bom tinto até que foi fácil. Não se pode dizer o mesmo de um mísero saca-rolhas. Nem que fosse num chaveiro. Nada!

A solução foi uma faca, mas que também rachou a boca da garrafa. Putz! Como bons jornalistas, não podia faltar a sinceridade. “Olha, não conseguimos um abridor... Usamos uma faca, mas lascou a boca da garrafa”.

A resposta, bem ao estilo de Sócrates. “Fera, só arruma um paninho e dá uma filtrada”.

Para a alegria de todos!



Por R\$ 1 mil se comprava um Chevette/74

FOTOS: REPRODUÇÃO / INTERNET



Encartado à primeira edição do jornal, em 1995, circulou o Pannel de Ofertas do Tribuna Ribeirão, com 1.200 ofertas de veículos. Na época, a lista precursora dos classificados trazia apenas anúncios de carros e motos.

Ali estavam sonhos de consumo e opções mais populares, para todos os gostos.

A opção mais barata entre os carros era um Chevette, ano 1974, vendido por R\$ 1.000 – ainda tinha a possibilidade do ‘choro’ com o vendedor. Como se tratava de anúncios reduzidos, em formato lista, não há infor-

mações sobre o estado de conservação do veículo, nem mesmo sua situação fiscal, mas pelo valor de outros similares, o ‘possante’ deveria estar na média...

Para os fãs do modelo, fabricado pela Chevrolet entre 1973 e 1994, havia opções na faixa de R\$ 1,5 mil, dos anos de 1976 a 1978.

Por este valor, aliás, era possível comprar uma Brasília 1979, um Corcel 1976, um FIAT 147 1980, um Opala 1973 ou uma Kombi 1967. Opção que hoje faz sucesso entre colecionadores, o Fusca, era anunciado por R\$

1,1mil, ano de fabricação 1963 – o início da produção no Brasil foi em 1959.

Motocicletas

Para os apaixonados por motos, por R\$ 600 era possível comprar, por exemplo, uma CG 125, ano 1977, item que hoje certamente faria a alegria de muita gente, afinal a icônica motocicleta fabricada pela Honda, a primeira na vida de muitos pilotos, começou a ser produzida no ano anterior!

Tendo o Rei Pelé como garoto-propaganda, a Honda CG 125 se tornou o veículo mais vendido no mercado brasilei-

ro, com cerca de 7 milhões de unidades comercializadas, segundo a revista Quatro Rodas. A motocicleta deixou de ser produzida em 2019.

Objeto de desejo de 10 entre cada 10 adolescentes, a Mobilete, ciclomotor produzido pela Caloi (seu concorrente era a Monareta, da Monark), também marcava presença nos anúncios.

Custava um pouco mais do que a CG 125 acima, R\$ 650. Porém era bem mais nova, produzida em 1988, e mais econômica. Com seu tanque de 3 litros era possível, em média, andar 150km.

Valor atual

Para transpor esses valores para os dias atuais, vamos comparar R\$ 100, em 1995 e 2025, usando três indexadores: o dólar, o salário-mínimo e o IGP-M, conhecido como a “inflação do aluguel”.

A maior cédula em circulação em 1995 era a de 100 reais. Como nossa moeda, na época, era praticamente pareada com a americana, esse valor correspondia a 100 dólares. Ou seja, a mesma nota azul, com o peixe no verso, que é usada até hoje, valeria o que equivalente a 530 reais atualmente.

Usando o IGP-M (Índice Ge-

ral de Preços – Mercado), calculado mensalmente pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV IBRE) e que mede a variação de preços em diversos setores da economia brasileira, o valor atualizado de R\$ 100 seria de 970,49 reais.

Para essa atualização foi usada a Calculadora do Cidadão, disponível em <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAO>.

A melhor situação é quando a comparação leva em conta o salário-mínimo. Em 1995, então no primeiro ano de vigência do Plano Real, o menor salário no Brasil era de 100 reais. Hoje, esse mesmo benefício, é R\$ 1.518.



Gilberto Maggioni

30 anos depois, o que importa?

O que importa?

Gilberto S. Maggioni

Queda no nível de atividade da indústria e do comércio só leva a um caminho: falta de sustentação à economia e crise social. Em junho, vivíamos a angústia de uma crise anunciada apenas para setembro e, “choradeiras de empresários” (como o governo tenta definir a estagnação econômica) a parte, já estávamos, naquela época, diante de uma dura e conhecida realidade. O governo, tentando frear o consumo para conter a inflação, seguiu as regras do crédito, elevou as taxas de juros à patamares vergonhosos e levou muitas empresas à bancarrota.

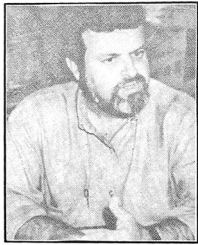
Jogando – novamente – o jogo dos banqueiros, as medidas de contenção tomaram um rumo já conhecido pela classe empresarial, principalmente na última década: o custo da manutenção do plano – novamente – está recaindo sobre as já tão cansadas

costas da população.

Na linha melódica do plano Real, quem se imaginou vencedor, dançou o mais trágico dos tangos argentinos. Sem trocadilhos. Perdeu quem apostou – corretamente diga-se de passagem – que o crescimento da economia e a geração de empregos passariam pelos ameiros de produção, como aconteceria em qualquer outro país do mundo.

Sem lobby e, portanto, sem força, a população acompanha pela imprensa que o governo tem interesse nas reformas tributárias e fiscais, enquanto, de concreto apenas um “affair” desconjuntado entre partidos e governo por mudanças estruturais como por exemplo, a reeleição dos cargos executivos.

O charme indiscreto da burguesia palaciana, como uma meia furada, acaba por ter mais repercussão e importância que a elevação assustadora dos indicadores de desemprego. E, enquanto isso, a indústria



Paulista – maior do país – se vê obrigada a demitir em menos de quatro meses, mais de 100 mil trabalhadores. Um escândalo maior que a reviravolta no caso do sequestro do pai do Romário, mas não com mais destaque.

E assim, ficamos nós, de cartola a mão, a espera do próximo changista...

Gilberto S. Maggioni
Presidente da Associação
Comercial e Industrial de
Ribeirão Preto.

O que importa? A pergunta era o título do primeiro artigo publicado pelo Tribuna Ribeirão, escrito pelo empresário Gilberto Maggioni, então presidente da ACIRP | Associação Comercial e Industrial de Ribeirão Preto e mais tarde prefeito municipal.

O Brasil vivia – mais – um período de crise econômica, em meio à estabilização do Real, implantado pouco mais de um ano antes, e os efeitos da fuga de capitais estrangeiros que fez o país elevar os juros a estratosféricos 38,7% no ano para atrair e mantê-los.

Neste contexto, Maggioni ressaltou que a queda no nível de atividade da indústria e do comércio só levariam a um caminho: a falta de sustentação à economia e crise social. Ele criticou as manobras do governo que diziam se tratar de “choradeiras de empresários” e afirmou que a situação levou muitas empresas à falência.

“Sem lobby e, portanto, sem força, a população acompanha pela imprensa as notícias de que o governo tem interesse nas reformas tributárias e fiscais, enquanto, de concreto se trata apenas de um ‘affair’ desconjuntado entre partidos e governo por mudanças estruturais, como, por exemplo, a reeleição de cargos executivos”, apontou, em 1995, Maggioni.

Passadas três décadas, o empresário lamenta que muito pouco tenha mudado. “Hoje, muito mais maduro do que naquela época, me dá tristeza ver meu país nesta situação. Vivemos uma situação, se não igual, pior do que 30 anos atrás”.

Maggioni destaca que desde aquela época se falava em reforma tributária, tema, aliás, recorrente na política brasileira. “Esse país precisa de uma mudança. Um deputado ganhar o que ganha, com os penduricalhos e benefícios que tem, e a população cada dia mais pobre é um absurdo”.

“Quando o Palocci me falou que ia fazer o Bolsa Família, eu disse que ele criaria um enorme curral eleitoral e iria conquistar as pessoas comprando o voto, de certa forma. Não que outros sejam ‘bonzinhos’, mas já tivemos coisas melhores do que os que estão aí”, lembra o empresário.

E, 30 anos depois, Maggioni deixa uma nova pergunta no ar: “quem sabe em 2026 vai se iniciar uma nova vida nesse nosso país?”.

Carros de Luxo custavam mais de 50 mil dólares

REPRODUÇÃO / INTERNET



BMW 318TI era o carro mais anunciado em 1995

JULIO RARIDADES



Ômega era o mais desejado entre os nacionais

Modelos hoje são itens de colecionadores

RENATA BARUSSI / FAIXA BRANCA



Eduardo Crôsta: em bom estado, veículos valem hoje cerca de R\$ 30 mil

Os mesmos Chevettes, Opalas e Fuscas, que em 1995 eram opções baratas para quem precisa de um veículo, são hoje disputados por colecionadores. E isso, claro, eleva o preço de todos eles!

Eduardo Penteado Crôsta, presidente do Faixa Branca Clube do Carro Antigo, que reúne colecionadores de Ribeirão Preto e região, explica que o valor de um veículo de coleção varia de acordo com o estado de conservação, quilometragem, versão, raridade, originalidade e até mesmo por ter “placa preta”.

“Não existe uma tabela, mas um veículo como esses, reformado e em bom estado de conservação, é negociado hoje por cerca de R\$ 30 mil”, explica Crôsta, ressaltando

que os Fuscas, pela maior procura, chegam a valer mais.

Possuir placa preta, que identifica veículos de coleção, valoriza entre 5% e 10%, segundo o presidente do Faixa Branca.

Para ostentar a placa preta, o carro ou moto deve ter mais de 30 anos e preservar suas características, com mínimo 80% de originalidade e passar por avaliação realizada por técnico autorizado.

O processo envolve a aprovação em vistoria por clubes credenciados pelo Denatran, que avaliam a originalidade e o estado de conservação do veículo, e a emissão do Certificado de Veículo de Coleção (CVCOL), que deve ser levado ao Detran para a alteração do registro e a obtenção da nova placa de coleção.



Dino, a mascote do Tribuna



GUILHERME FUZARO/REVISTA REVIDE

Eduardo Ferrari e o Dino: estamos montando uma coleção por aqui

Edição infantil, Tribuninha teve dinossauro na capa

Bem antes de ser adotado como mascote, o Tiranossauro Rex já estampava as páginas do Tribuna. E não foi em uma edição qualquer: chamado de “Dinão”, o pré-histórico animal apareceu em preto-e-branco na capa



do único número do Tribuninha, suplemente infantil lançado pelo jornal em setembro de 1997.

Além do desenho para ser pintado, os dinossauros são tema da matéria “De volta ao passado”, que destaca o

Museu de Paleontologia de São Carlos, cidade distante 100km de Ribeirão Preto e reconhecida como um dos mais importantes sítios arqueológicos do Brasil.

“O dinossauro é uma coisa até meio premonitória

para o Jornal Tribuna. Nas redações, os jornalistas mais antigos eram sempre chamados de dinossauros, os dinos da redação”, afirma Eduardo Ferrari, ele mesmo um dinossauro confesso do jornalismo.

Comprar ou não? Windows 95 gerava dúvidas



Windows 95 marcou uma era para a computação pessoal

Recém-chegada ao mercado brasileiro, a novidade da Microsoft dividia a opinião dos usuários no segundo semestre de 1995. Comprar ou não comprar? Essa era a grande dúvida.

Noticiava o jornal que o Brasil recebeu 40 mil cópias, que se esgotaram em poucas horas. O software era então vendido em dois formatos: *upgrade*, para quem tinha a versão anterior (Windows 3.x) e a *full* – ou completa.

Para ajudar a pequena parcela da população que ti-

nha acesso a computador há 30 anos, o Tribuna Ribeirão ouviu especialistas e a listou os prós e contras do sistema operacional, que se tornaria revolucionário por novidades como o botão Iniciar, a Barra de Tarefas e o Windows Explorer, elementos que permanecem até hoje.

André Luiz da Trindade Scapin foi um dos primeiros a adquirir o produto em Ribeirão, apenas cinco dias depois do lançamento mundial. Ele classificava o Windows 95 como praticamente perfeito para as necessidades de sua empresa. “Apesar de tomar conhecimento de programas que o Windows 95 rejeitou, não tivemos nenhum problema quando instalamos o nosso sistema operacional”.

Ele apontou como principais vantagens a melhora na performance, a rapidez e o fim dos diretórios, que se transformaram em pastas, além dos arquivos, antes nomeados com apenas oito caracteres, agora poderem receber até 255. “O computador ficou muito mais

inteligente”, classificou.

Nem tudo, porém, eram elogios ao software. Pelo menos, naqueles primeiros dias. A própria Microsoft admitiu conflitos com muitos programas, de outros desenvolvedores.

Vladimir Avanzi, proprietário na época de uma loja de informática, foi cauteloso – para não dizer pessimista. “No geral, há uma certa frustração e a procura ainda não é tão grande quanto se esperava”, disse o empresário, afirmando que “o Windows 95 não passa(va) de um DOS (sistema operacional precursor) disfarçado”.

Outro ponto criticado na matéria era o fato de o Windows 95 “só poder ser instalado em computadores 486, com no mínimo 8MB de memória”. Aqui cabe um ‘erramos’, ainda que com 30 anos de atraso, uma vez que os requisitos mínimos eram na verdade um processador 386 com pelo menos 4MB de RAM.

Revolucionário

Independente das primei-

ras impressões, a verdade é que o Windows 95 marcou uma era para a computação pessoal, tornando o PC acessível e popular para tarefas do dia a dia, jogos e acesso à Internet. Com ele, por exemplo, o mouse passou a ser a principal ferramenta, graças a atalhos para gravar, abrir e fechar arquivos, deixando o teclado restrito somente para digitação de textos.

Sua versão beta, conhecida internamente pelo codinome Chicago, foi vendida a usuários nos Estados Unidos e Reino Unido por 19,5 dólares – mesmo valor em libras esterlinas. O kit de instalação incluía 13 disquetes ou um CD, que incluía complementos multimídia.

O preço de venda nos Estados Unidos, em média, era de 90 dólares. No Brasil, R\$ 120.

O suporte estendido para o Windows 95 terminou em 31 de dezembro de 2001. Depois dele vieram diversas outras versões, como o XP, Vista, 7, 8, 10 e o Windows 11, a mais recente, lançada em 2021.

mascote do Tribuna”, relembra o jornalista.

De início, ainda tímido. Encontrou primeiro na capa, anunciando o WhatsApp do jornal, depois passou a fazer parte de todos os eventos do Tribuna. Ganhou até um Instagram próprio, o @DinoDeRibeirão.

“Hoje o Dino está agregado à Meia Maratona de Ribeirão e se fortalecendo cada vez mais como um personagem. Sua imagem aparece na medalha da Meia Maratona, no troféu, na camiseta”, orgulha-se Eduardo, como bom pai.

O sucesso do Dino é tanto que ganhou até um e-commerce. “Criamos uma réplica fiel em 3D, registrada na INPI, além de outras em resina, acrílico, iluminadas... Até mesmo chaveirinhos com ele”.

“O bacana, inclusive, é que alguns amigos quando vão viajar já estão trazendo dinossauros para nós. Por onde eles estão, trazem um ‘dininho’ para cá. E nós vamos montando uma coleção aqui”, diverte-se Eduardo Ferrari, para quem o Dino já é um influencer do Tribuna Ribeirão.

Briza denuncia “milagre da matemática”

ARQUIVO PESSOAL



Jornalista denunciou o erro na contabilidade de notas da seleção Come-Fogo

A Chuteira de Ouro foi – por anos – uma tradicional festa organizada pela ACLE | Associação dos Cronistas e Locutores Esportivos de Ribeirão Preto para reconhecer os melhores da dupla Come-Fogo ao final de cada temporada.

Criada em 1963, pelo jornalista Wilson Roveri, colunista deste Tribuna nos anos 2000 até sua morte, a Chuteira de Ouro usava a notas estabelecidas por cronistas após cada jogo de Botafogo e Comercial ao longo dos campeonatos, para apontar o melhor jogador da cidade (aquele de melhor média) e a seleção do ano, entre os atletas dos dois times.

Foi assim como ídolos como Carlos César, Sócrates e Ferreira. Em 1995, a premiação foi colocada em dúvida por supostos erros de contagem em algumas posições.

O goleiro Maurício, então no Comercial, teve a melhor média e ficou com a Chuteira de Ouro. O problema foram os equívocos em algumas posições levantados pelo diretor de esportes da Rádio CMN, Luiz Carlos Briza ao somar as notas distribuídas da primeira à última rodada do Campeonato Paulista da Série A2.

“Eu disse equívocos para ser delicado. Mas o que houve mesmo foi manipulação. As notas do penúltimo relatório com as do último, somadas, não batem”, denunciou Briza, hoje colunista do Tribuna.

Dos 11 titulares divulgados pela ACLE, cinco teriam entrado de gaiato. “Podem não concordar com minhas notas, podem dizer que não entendo de futebol. Mas jamais vão poder dizer que sou desonesto”, disse Briza.

Os beneficiados pelo milagre da matemática seriam o zagueiro Marcelo Batatais, os volantes César Baltasar e Douglas, o atacante Jajá e o lateral-esquerdo Renato Martins, apenas este último do Comercial.

Foram “esquecidos” o lateral-direito Paulo Sérgio (que teria recebido as mesmas notas do escolhido Jorge Raulli), o lateral-esquerdo Vítinho, o meia Marquinhos, o atacante Claudinho e o zagueiro Leandro, sendo os dois últimos do Botafogo e os demais alvinegros.



Carlos César (esq), craque comercialino ganhou a Bola de Ouro nos anos 60



“Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

“Fica difícil não trair com todo esse assédio de fãs. Elas dão em cima mesmo, e não se pode negar fogo (...) Comer até que não tem dado tempo, mas a gente fica na paquera”.



Falcão, ou Marcondes Falcão Maia, arquiteto de formação e humorista por profissão, sendo sincero (ou contando vantagem) ao falar sobre o assédio feminino. Na mesma entrevista, soltou que “o Batman, embora seja viado, é um dos meus ídolos”. (1995)

“Os caras acham que as piores coisas do mundo são tomar cerveja e transar com mulher. O que considero exatamente o contrário, pois são as melhores coisas da vida”.



Sócrates, médico e ídolo do futebol brasileiro, sobre a vigilância, principalmente das comissões técnicas, sobre os jogadores. (1995)

“Esse chocolate eu não comi... tinha cara de chocolate meio velho”.



Fábio Ghirardelli, modelo, então com 27 anos, ao revelar a ‘cantada’ recebida da jornalista Marília Gabriela, 20 anos mais velha. A também ribeirão-pretana teria usado na paquera o nome de sua fábrica de chocolates, que é igual ao sobrenome de Fábio, e proposto uma ‘visita’ à empresa. (1995)

“Antes era um charme votar no PT, na antiga esquerda”.



Waldemar Corauci Sobrinho, deputado federal por três mandatos consecutivos e secretário estadual de Esportes, entre 1991 e 1993. (1996)

“Bateram minha carteira no sentido figurado. Meu mandato foi devidamente rou-ba-do”.



Fernando Chiarelli, vereador cassado em 1995. Foi a primeira entrevista do político após a perda do cargo. (1997)

“Tenho mais respeito pelas minhocas do que pelos políticos atuais. Tenho nojo deles”



João Cunha, vereador e, depois, deputado federal por quatro mandatos – em um depois proferiu o célebre voto decisivo (344) para a eleição de Tancredo Neves, fato que sempre repetia com orgulho. Após ser derrotado na busca por uma vaga no Senado, em 1990, ele havia abandonado a política e se dedicava à criação de minhocas, em Bonfim Paulista. Tentaria novamente a Câmara dos Deputados, sem sucesso, em 1998. Morreu em 2020, aos 81 anos. (1995)

“A função de militar é como um outro emprego qualquer. É uma opção de vida, que às vezes é mera contingência, não se tem outra oportunidade e as pessoas vão seguindo em frente. Militares com vocação, no Brasil, já não existem há muito tempo”.



Martinho da Vila, cantor, compositor, poeta e sargento do Exército Brasileiro durante 13 anos. (1997)

“Comi poucas mulheres, só umas duzentas...”



Serginho Chulapa, ex-jogador e treinador. Depois de deixar o Santos, ele havia acabado de assumir o comando do Grêmio Sãocarlense, que então disputava o Campeonato Paulista da Série A2. (1996)